



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes



ELAINE CAMARGOS DA SILVA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA E PRÁTICA
PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA**

UBERLÂNDIA-MG

2020

ELAINE CAMARGOS DA SILVA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA E
PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Processo de Ensino, Aprendizagem e Criação em Arte.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vilma Campos dos Santos Leite.

Uberlândia-MG

2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 Silva, Elaine Camargos da, 1971-
2020 Contação de Histórias como linguagem artística e
prática pedagógica em sala de aula [recurso eletrônico]
/ Elaine Camargos da Silva. - 2020.

Orientadora: Vilma Campos dos Santos Leite.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Artes.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.680>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Artes. I. Leite, Vilma Campos dos Santos, 1964-
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Artes. III. Título.

CDU: 7

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes
 Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1V - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4522 - mprofartes@iarte.ufu.br - www.iarte.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional em Artes				
Data:	10 de setembro de 2020	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:30
Matrícula do Discente:	11822MPA004				
Nome do Discente:	Elaine Camargos da Silva				
Título do Trabalho:	Literatura Infantil: Contação de história como linguagem artística e a prática pedagógica em sala de aula				
Área de concentração:	Artes				
Linha de pesquisa:	Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Arte				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Tecendo fios: narrativa, memória e máscara na formação e criação teatral.				

Reuniu-se via Mconf, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Artes, assim composta: Professores Doutores: Ana Elvira Wuol - IARTE/UFU; Getúlio Gois Araújo - ESEBA/UFU e Vilma Campos dos Santos Leite - IARTE/UFU orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Vilma Campos dos Santos Leite, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultrapassada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Vilma Campos dos Santos Leite, Membro de Comissão**, em 10/09/2020, às 16:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Getúlio Gois de Araújo, Professor(a) do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico**, em 10/09/2020, às 16:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Elvira Wuol, Professor(a) do Magistério Superior**, em 10/09/2020, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2241686** e o código CRC **4EC8CBF4**.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA E
PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA

Dissertação aprovada para a obtenção do título de
Mestre em Artes no Programa de Mestrado
Profissional em Artes da Universidade Federal de
Uberlândia pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, ____ / ____ / 2020.

Prof.^a Dr.^a Vilma Campos dos Santos Leite, UFU/MG

Prof.^a Dr.^a Ana Elvira Wuo, UFU/MG

Prof. Dr. Getúlio Góis de Araújo, ESEBA/MG

Contação de histórias como linguagem artística e prática pedagógica em sala de aula

ELAINE CAMARGOS DA SILVA¹

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vilma Campos Leite ²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Resumo

O presente artigo refere-se à pesquisa de mestrado profissional desenvolvida junto a crianças inseridas em sala comum da alfabetização, 2º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia, durante o ano de 2019. Pelo fato de atuar há muitos anos como professora regente e de Literatura e Linguagem, com ênfase em contação de histórias, observei, durante as práticas pedagógicas, a importância da linguagem artística como elemento instigador, provocador de uma aprendizagem significativa em sala de aula, detive-me a ela enquanto linguagem artística na minha prática pedagógica. Para esta pesquisa, iniciei por um estudo teórico, em diálogo com vários autores e materiais de referência, que ofereceram suporte no decorrer da ação pedagógica. Como norteamento, houve o momento de contar histórias e ação pedagógica envolvendo crianças e professora, em interface com a linguagem artística na área da arte cênica, da artes visuais e da música. São linguagens artísticas primordiais para o desenvolvimento das habilidades, como: imaginação, criatividade, ludicidade, autonomia. Elas, muitas vezes, estão esquecidas ou pouco valorizadas no contexto escolar, e a contação de histórias é uma prática pedagógica que proporcionará o desenvolvimento dessas habilidades de forma prazerosa e lúdica.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Contação de histórias. Prática Pedagógica. Afetividade.

¹ Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Serviço Social (UNITRI) e Pedagogia (UFU). Especialista na área da violência doméstica contra crianças e adolescentes pelo Instituto de Psicologia (USP). Especialista em Psicopedagogia pelo Instituto de Educação (UFU). Professora das séries iniciais da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia-MG.

² Pós-doutora do Instituto de Artes da Unicamp, doutora pelo Instituto de História (UFU) e mestre pela escola de Comunicações e Artes (USP). Professora do Mestrado Profissional e Acadêmico em Artes (UFU). Aposentada do curso de Graduação em Artes Cênicas (UFU).

Storytelling as artistic language and pedagogical practice in the classroom

Abstract

This article refers to the professional master's research carried out with children inserted in a common literacy room, from the 2nd year of elementary school, in a school in the Municipal Education Network of Uberlândia, during 2019. Due to the fact that I have been working as a regent teacher, Literature, and Language teacher for many years, with an emphasis on storytelling, I observed, during pedagogical practices, the importance of artistic language as a fundamental element when telling stories. As children's literature is an instigator, provoking meaningful learning in the classroom, I focused on it as an artistic language in the teacher's pedagogical practice. For this research, I started with a theoretical study, in dialogue with several authors and reference materials, which offered support during the pedagogical action. As a guideline, there was the time to tell stories and pedagogical practice involving children and teacher, in interface with artistic language in the area of scenic art, visual art and music. They are fundamental artistic languages for the development of skills, such as: imagination, creativity, playfulness, autonomy. They are often overlooked or little valued in the school context, and storytelling is a pedagogical practice that will provide the development of these skills in a pleasant and playful way.

Keywords: Children's literature. Storytelling. Pedagogical Practice. Affectivity.

INTRODUÇÃO

Início contextualizando brevemente minha trajetória no campo da Educação. Cursei o Ensino Médio, na época chamado de 2º Grau. Era um curso técnico de Magistério que terminei no ano de 1988. Em 1990, tive a minha primeira experiência como professora de educação básica, em uma escola estadual da cidade de Uberlândia-MG. Após alguns anos, prestei vestibular para Serviço Social e Pedagogia e ingressei, via concurso público, como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Ensino.

Escolhi ser professora por acreditar na educação como processo contínuo, fundamental para a humanização e a socialização do ser humano, além de ter o papel de transformar a sociedade com justiça social e democracia. Atualmente, possuo dois cargos na função de professora nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

O meu contato ministrando a disciplina de Literatura e Linguagem teve início com um projeto da Secretaria Municipal de Educação de implementar a disciplina na rede com o objetivo de atender à proposta curricular do município. Comecei minha atuação como professora de Literatura focando os gêneros textuais, tais como fábulas, poesias, receitas, música, dentre outros. Além disso, inseri a contação de histórias, pois sabia que seria um diferencial na minha atuação profissional.

Para mim, a literatura infantil tem uma grande contribuição no processo educacional, e a contação de histórias, por sua vez, traz para o ambiente escolar novas descobertas e novas formas de aprendizagem, que vão além da leitura de um livro. Para Coelho (2000, p. 10), “a literatura é a mais importante das artes, pois a sua matéria é a palavra (o pensamento, as ideias, a imaginação)”, e é exatamente o que distingue ou define a especificidade do humano.

Também é pertinente ressaltar que a arte de contar histórias, da maneira como abordo, está dentro da perspectiva da oralidade, da expressividade e da teatralidade. Meu objetivo é analisar e refletir esse ato como linguagem artística que contribui para a minha prática pedagógica e como a literatura infantil instiga o aluno a uma aprendizagem significativa em sala de aula.

Contar histórias é uma forma de o homem dar continuidade à sua cultura, às suas descobertas.

Segundo para alguns estudiosos, a contação de histórias é um importante auxílio à prática pedagógica dos professores na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

É ouvindo histórias que se pode descobrir o mundo imenso de conflitos e soluções, sentir novas e diferentes emoções, novas experiências, formar opiniões, conceitos e novos valores, contribuindo também para a formação da personalidade da criança, envolvendo o social, o afetivo.

O ato de contar histórias é possível em todas as fases do desenvolvimento do ser humano, e o processo de ouvir e contar histórias, permeia por dois momentos que estão interligados, pois, o ato de ouvir atribui o sentido do que é falado e escutado.

E o professor, por sua vez, tem um objetivo, uma meta que é ensinar conhecimento curricular aos seus alunos, num processo que, muitas vezes, pode acabar se tornando mecânico e automático e entre possíveis causas é possível elencar o próprio sistema educacional que exerce uma grande cobrança do profissional de educação.

E nas séries iniciais, pela minha experiência, esse processo não é diferente: o foco está no processo da alfabetização e domínio de cálculos, em matemática e, vejo a contação de histórias como prática pedagógica que vem contribuir com o processo ensino-aprendizagem, permeando novas experiências de conhecimento no ambiente escolar.

Assim, o momento de contar histórias atravessa o sentido em que o professor está conectado com a oportunidade de expressar a história, de exercitar o outro a ouvir, pois o processo de escuta ativa é muito importante para que haja uma conectividade entre a história contada e o ouvinte, no caso a criança. Sabendo que a criança na faixa etária dos 7 aos 8 anos (faixa etária que faz parte da minha pesquisa) são curiosas, estão prontas para descobrir o mundo da leitura, da escrita, dos sentimentos e, principalmente, viver o sentido mais amplo da afetividade que a contação de histórias proporciona, novas descobertas no campo da visão de mundo, que pode ser construído a partir de uma história, são momentos únicos, que acontecem no presente aqui e agora.

O vivenciar e compartilhar também corresponde ao ouvir e significar o que é falado e escutado, e se relaciona à própria função social e cultural que cada professor/contador ou contador de histórias assume.

O caminhar da minha experiência como professora e a contação de histórias no Ensino Fundamental vem ao encontro do que acredito que deve nortear o método de ensino e aprendizagem em sala de aula: não devemos olhar para nossos alunos apenas como crianças que estão inseridas

no contexto escolar, onde um foco está muito presente – o de cumprir com o currículo, processo importante para o sucesso escolar –, mas percebo a necessidade de que outras vivências estejam presentes neste contexto, como a afetividade e a troca de experiências.

Lembrando que cada experiência vivenciada no momento da contação de histórias é muito gratificante, uma vez que este é um momento de trocar experiências com os alunos de forma linear, onde passo a ter um papel de mediadora do conhecimento, podendo ter a oportunidade de enxergar esta criança como um ser holístico, um ser integral, que não está no espaço escolar apenas para cursar um ano ou uma série, mas para viver novas formas de aprendizagens que vão além do caderno e livro.

Para mim, vivenciar esse momento de descobertas, por meio da contação de histórias com as crianças, oportuniza-me a refletir sobre a minha prática pedagógica e me torna ainda um ser humano mais consciente do meu papel de educadora.

Portanto, a minha prática pedagógica com a contação de histórias permeia pelo campo das artes como o teatro, a música e as artes visuais.

É uma experiência tão relevante para o processo de aprendizagem da criança que está em busca de novos desafios e descobertas e a escola é parte desse universo, deve dar uma atenção especial à contação de histórias, pois ela é fundamental para uma aprendizagem significativa contribuindo para um desenvolvimento perceptivo nos estudantes.

Considero que contar histórias para as crianças desde a mais tenra idade desenvolve o gosto pela leitura, além de proporcionar uma aprendizagem mais prazerosa e lúdica. Concordo com Abramovich (1997, p. 23) ao afirmar que “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”. Portanto, compreendo que o processo educativo deve ser dinâmico, interativo e o professor deve permear as mediações necessárias para proporcionar uma aprendizagem significativa para o aluno. Para dar continuidade a minha pesquisa, abordarei no próximo tópico a afetividade e a relação professor/ aluno dentro do contexto escolar.

1. A AFETIVIDADE PRESENTE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Ao falar sobre afetividade, não posso deixar de ressaltar alguns estudiosos como Jean Piaget, Henri Wallon e Lev Vygotsky, pois eles a consideram com relevância no campo pedagógico.

A relação entre professor e aluno é primordial para o processo ensino-aprendizagem em sala de aula, em especial a inclusão da afetividade, já que por meio dela é possível destacar a oportunidade de uma aprendizagem significativa. Lembro que trabalhar emoções, sentimentos como exercício de aprendizado entre professor e aluno são elos primordiais para a construção desse sujeito.

A teoria psicogênica de Jean Piaget (1982) revela uma interação entre o indivíduo e o mundo exterior, sendo este processo pelo qual se dá o desenvolvimento intelectual do sujeito, enquanto a teoria de Wallon (1995) busca compreender o psiquismo humano, voltando a sua atenção para a criança, uma vez que é por intermédio dela que é possível ter acesso aos processos psíquicos, e o sujeito constrói sua relação com o meio. As manifestações iniciais de uma criança assumem uma conexão de diálogo entre ele e o outro.

De acordo com Wallon e Piaget, a afetividade permeia vários estágios da vida de uma pessoa e é considerada indispensável ao desenvolvimento humano, ou seja, é um elemento intrínseco na formação do sujeito como ser integral.

Segundo Henri Wallon, “não é possível dissociar na pessoa qualquer um dos conjuntos funcionais (inteligência, afetividade ou ato motor), pois a criança é considerada como um todo que continua a se desenvolver” (MENDES, 2017, p. 55).

É ainda dialogando com os estudiosos Wallon e Piaget que insisto no conceito relevante que para os dois autores a afetividade pode ser reconhecida de três maneiras diferentes (da emoção, do sentimento e da paixão). A emoção, como primeira forma de afetividade, tem uma ativação orgânica, não controlada pela razão, já o sentimento, para os estudiosos, possui uma relação com o cognitivo, enquanto a emoção é mais expressiva.

Continuando com a reflexão sobre a afetividade destaco também a importância de Lev Vygotsky (2007) que afirma, com suas pesquisas e estudos, que por meio da interação com os outros a criança incorpora instrumentos culturais, destacando a importância das interações sociais.

Após essa breve introdução sobre afetividade, concebo e valorizo as relações construídas com afeto no decorrer da minha prática pedagógica.

De acordo com Freire (2002, p. 25), “...quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Assim, afirma a necessidade de uma educação global, permeando o completo desenvolvimento do ser humano e a compreensão do docente de que o processo de ensino e aprendizagem não está apenas centrado no conhecimento do professor, mas deve ser construído e produzido a partir da interação deste com o educando.

A relação professor-aluno depende, especificamente do clima estabelecido pelo professor, da relação de empatia, de afetividade construídas com as crianças, exercendo a capacidade de ouvir, refletir, são reflexões que o professor deve fazer acerca de sua práxis. A afetividade é como se fosse uma mola instigadora dessa relação vivenciada entre ambos os sujeitos, principalmente no momento de contar histórias, ação pedagógica que desenvolvo em sala de aula.

Segundo Busatto (2012, p. 45-46), “contar histórias mantém a História viva, para sentir vivo, para encantar e sensibilizar o ouvinte, para estimular o imaginário, articular o sensível, tocar o coração”. E é neste tocar o coração que acredito, como professora, que ao contar uma história o coração de cada criança é tocado com a arte, aprendizagem, sensibilidade e afetividade.

Acredito que a construção do conhecimento, requer a mediação do outro, a afetividade afetará a forma como o aluno irá aprender. Na minha atuação profissional como professora, as relações afetivas vivenciadas na minha práxis fazem toda a diferença no resultado do meu trabalho, pois ser uma professora afetiva não é só demonstrar carinho, afeto, é criar vínculos de respeito ao saber, ao conhecimento.

O aluno é um ser integral, ele tem sentimentos, ideias, desejos que devem ser respeitados e ao mesmo tempo, o professor deverá proporcionar uma ação pedagógica que desenvolva as suas potencialidades. Ao narrar uma história, doamos o nosso afeto, carinho, com o nosso coração, pois, a afetividade tem um papel importante no sucesso escolar dos nossos alunos. No tópico posterior, abordarei sobre a importância da contação de histórias e os desafios do papel da escola na atualidade.

2. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E OS DESAFIOS DO PAPEL DA ESCOLA NA ATUALIDADE

Como a minha opção de trabalhar com a contação de histórias se dá no âmbito da sala de aula, acho relevante desenvolver este item, em que procuro refletir sobre alguns desafios da educação no ambiente escolar e a importância da prática pedagógica de contar histórias onde nós professores estamos inseridos. Para Freire, “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2002, p. 28).

Concordo com Freire, porque nossa prática docente está conectada com nossa capacidade de instigar o aluno a buscar novos desafios, novos conhecimentos.

De tal modo, a educação é um processo que envolve valores, transmissão e construção das relações sociais, cuja pedra fundamental é a curiosidade do ser humano considerando um pilar importante em busca do conhecimento, da aprendizagem significativa.

Para Freire (2002, p. 85), “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar”. Então para aguçar este pilar da curiosidade, devemos repensar diariamente a nossa prática pedagógica, buscando inovar com recursos didáticos que façam com que a criança desperte seu interesse pela aula, já que a escola tem a sua rotina muitas vezes engessada, na qual o professor acaba sendo refém de um sistema educacional geralmente tradicional, onde o professor apenas transmite conhecimento e o aluno é um mero ouvinte.

Estamos imersos em uma sociedade cada vez mais globalizada, o que reflete em um constante repensar da escola, em termos conceituais. Qual é o papel e a função da educação? O que é conhecimento? O que é aprendizagem? Entre tantas outras implica, também, em refletir sobre a importância de replanejar a dinâmica de ensino e aprendizagem que se dá no interior da sala de aula, pois vivemos grandes desafios diariamente nas escolas, tais como salas de aulas cheias, falta de material pedagógico e espaço físico inadequado, para citar alguns.

Considerando esse contexto, creio ser importante a inserção que proponho da contação de histórias no âmbito escolar e concordo com Moran (2011, p. 15) quando afirma que “o nosso maior desafio é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade que interage todas as dimensões

do ser humano”, correspondendo a um olhar para um ser holístico, integral, (aspecto cognitivo, afetivo e social).

Como afirma Morin (s./d.) na revista eletrônica “Prosa, Verso e Arte”, “A educação é uma das dimensões essenciais na evolução do ser humano, deve ser um despertar para a filosofia, para a literatura, para a música”. Esse é o seu verdadeiro papel. É assim que espero a educação no processo ensino-aprendizagem, inserindo a condição humana com base na razão, sem esquecer a afetividade. Nessas condições, cria-se uma consciência humana, solidária, no ensino da ética que irá ajudar o homem a construir o seu caminho perante a sociedade.

Conforme consta no Artigo 205 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), “A educação direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A educação, portanto, é um direito constitucionalmente assegurado a todos, inerente à dignidade humana, bem maior do homem. Em relação a isso, o Estado tem o dever de oferecer condições para o seu pleno exercício.

Todavia, pensar na educação na atualidade transcende o campo teórico porque, na prática, ainda encontramos dificuldades, como, por exemplo, no processo de alfabetização, em que as nossas crianças, em sua grande maioria, estão chegando ao final do 3º ano do Ensino Fundamental sem saber ler nem escrever com autonomia.

Portanto, as dificuldades enfrentadas pela educação com a alfabetização são agravadas tanto pelo passado (a herança do analfabetismo e das desigualdades sociais), quanto pelo presente (os conceitos de alfabetização e das expectativas da sociedade). A alfabetização não é um processo de memorização; o aluno precisa construir um conhecimento de natureza. Não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Contar histórias pode contribuir de forma significativa para que as crianças desenvolvam outras habilidades que irão somar na aprendizagem da leitura e da escrita.

Considerando a escola como um local designado para a socialização do saber, nasce da necessidade de preservação e propagação da cultura humana, e ao longo do tempo vem se transformando, assumindo novas possibilidades e novos desafios. A pedagogia segundo Freire revela uma preocupação com as relações que ocorrem nas escolas como sendo um ambiente

próprio de aprendizagem em que a relação professor-aluno é permeada pela afetividade e o diálogo.

A escola, na concepção freiriana, é:³ “[...] o lugar que faz amigos. Não se trata só de prédios, sala, quadra, programas, horários, conceitos. Escola é sobretudo gente... gente que trabalha, que estuda, que alegre se conhecer, se estimar...”.

Ao escrever a poesia “A escola é”, Freire traduz, de forma poética, a ideia de uma escola defendida em seus livros e chama a atenção para a importância da felicidade nesse ambiente composto principalmente por gente. De acordo com Gadotti (2007, p. 11), Freire deve ser lembrado como uma pessoa que sempre falava bem da escola, já que considerava como “um lugar bonito, um lugar cheio de vida”, independente se tem condições de trabalho ou não, pois, mesmo faltando tudo, nela o essencial continuaria a existir, qual seja: gente.

Considero a educação um processo contínuo fundamental para a humanização e a socialização do homem e a escola é esse local de conhecimento e aprendizagem.

Acredito que as expressões artísticas apresentam possibilidades infinitas nessa esfera, na qual é importante compreender a contação de histórias como uma ação que se fortalece no espaço escolar com auxílio de outras artes, como as artes cênicas e as artes visuais. Infelizmente, pela minha prática como docente tenho visto que só na Educação Infantil nos deparamos com a prática de contar histórias como uma ação diária na sua rotina pedagógica, quando essa prática deveria ser estendida para todos os níveis da educação.

Podemos considerar um dos desafios da escola é o de proporcionar a todas as crianças, jovens e adultos – independente de classe social, raça, cultura, religião, crença – uma educação capaz de garantir saberes que são fundamentais para sua vida. Na primeira metade do Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano) acredito com a experiência de anos, que ocorre um processo de ruptura com a práxis pedagógica da contação de histórias, perdendo-se a oportunidade de conhecer novas experiências. Essa ruptura deve-se a falta de conhecimento da grande maioria dos professores, sobre a importância dessa ação pedagógica e a sua própria formação como docente. A ação docente de contar histórias proporciona momentos de alegria e curiosidade,

³ Poesia de Paulo Freire. Disponível em: < http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/07082015_poema_a_escola.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2020.

experimentando um mundo imaginário, lúdico e criativo, por isso considero um caminho a ser trilhado para o desenvolvimento do gosto artístico no universo escolar.

Diante desse cenário, vejo a escola como uma facilitadora para a expressão dos sentimentos, um espaço de reflexões que permeiam a sala de aula e se refletem fora do ambiente escolar. Em suma, um espaço de construção e reconstrução de conhecimento.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E O CAMINHAR DA MINHA PRÁXIS PEDAGÓGICA NO CAMPO DA LITERATURA: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA

Esta pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa, tendo como metodologia a fenomenologia, que destaca “a importância do sujeito no processo da construção do conhecimento” (TRIVIÑOS, 1987, p. 48). O procedimento utilizado foi a pesquisa-ação, pois existe um envolvimento direto da pesquisadora com o objeto, ocorrido por meio da observação, do envolvimento e da descrição de várias ações propostas e realizadas com crianças e a prática pedagógica da contação de histórias.

A pesquisa-ação consiste em um trabalho que envolve a colaboração e a participação ativa e constante de todos os envolvidos no processo:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores representativos da situação do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativos. (THIOLLENT, 2008, p. 14)

O trabalho empírico foi realizado na Escola Municipal “Inspetora France Abadia Machado Santana”, situada na rua Laurindo Fonseca e Silva nº 144, no bairro Jardim Patrícia, em Uberlândia-MG, em uma sala regular, ao longo do ano de 2019, onde trabalho como professora regente e de Literatura e Linguagem com crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, ciclo da alfabetização. Os dados foram construídos a partir de ações realizadas com a prática pedagógica da contação de histórias. Fotos, filmagens e diário de bordo foram utilizados para registrar a experiência, sobretudo a parte do desenvolvimento da pesquisa-ação.

As ações começaram com a escolha das autoras. Detive-me à escolha de Ruth Rocha⁴ e Malu Gouvêa⁵, pois ambas escrevem histórias significativas para crianças nessa faixa etária. Com relação à Malu Gouvêa, destaco que reside em Uberlândia-MG e desenvolve trabalho de divulgação de suas obras literárias nas escolas da cidade.

Antes de adentrar a parte prática do meu trabalho, gostaria de retomar um pouco mais as referências que destacam a importância da contação de histórias no contexto escolar. O início da minha caminhada frente à minha prática pedagógica, como professora de Literatura e Linguagem, ocorreu devido a muitas leituras e diálogos com autores diante da minha proposta do artigo para o Mestrado Profissional em Artes, no qual estou inserida.

Assim, ao preparar as contações de histórias para os meus alunos, realizei-as de acordo com Rodrigues (2005, p. 7-8), “como atividade própria de incentivo à imaginação, transitando entre o fictício e o real”. Tomei a experiência como narradora e de cada personagem como minha e ampliei, juntamente com os meus alunos, a experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcenderam a ficção e se materializaram em minha ação na vida real.

Compreendi a contação de histórias como portadora de significados para a prática pedagógica e que não se limitou somente ao papel de entendimento da linguagem. Procurei preservar seu caráter literário, despertando a imaginação, a criatividade e a ludicidade.

As ações da minha práxis pedagógica para esta pesquisa foram realizadas no ambiente da sala de aula. Elas aconteceram entre os meses de abril e junho de 2019, quando iniciei o preparo das aulas selecionando livros das autoras que são referência para a minha pesquisa, com a intenção de contar histórias que fossem capazes de instigar as crianças a terem momentos de reflexão e criticidade. Para tanto, fui realizando a leitura dos livros e analisando cada história a ser trabalhada.

A escolha do livro de Ruth Rocha, “Romeu e Julieta”, ocorreu devido à importância da história, que fala sobre o preconceito e as diferenças, assunto relevante a ser trabalhado com as crianças, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, onde percebo muitos conflitos advindos da dificuldade de lidar com o outro dentro do grupo.

⁴ Ruth Rocha, autora infanto-juvenil reconhecida nacionalmente e internacionalmente.

⁵ Malu Gouvêa é autora infanto-juvenil da cidade de Uberlândia. Inclusive o nome da biblioteca da escola que trabalho é em homenagem a escritora

Para a realização dessa primeira prática, anteriormente à contação de histórias, agucei a curiosidade dos estudantes, dizendo que iria contar a história de duas lindas borboletas que viviam em um jardim; não mostrei o livro, apenas falei o que iria acontecer na próxima aula. Perguntei se conheciam borboletas e se as achavam bonitas.

A maioria respondeu que sim e que elas eram bonitas e coloridas. Uma criança perguntou: por que as borboletas não apareciam na escola? Respondi que elas gostam de flores, jardins e, como a escola era muito grande (no caso, o espaço físico), talvez não tivéssemos observado se as borboletas apareciam ou não. E quando disse que iria acontecer uma contação de histórias, as crianças ficaram ansiosas para o dia da atividade.

Essa história se passa em um reino colorido e cheio de flores, tudo muito lindo para cheirar e ver, mas quem mora ali não pode se conhecer... Será que as cores diferentes das borboletas podem separá-las? Para ministrar a contação de histórias, usei como recurso borboletas feitas de EVA⁶ e criei fantoches (cor azul, Romeu, e cor amarela, Julieta), utilizando ainda o EVA para recriar o jardim de flores.

A minha intenção foi montar o cenário no quadro branco, e as crianças ficariam de frente para mim. Mas a fita não conseguiu fixar as flores que faziam parte do jardim; precisei rapidamente mudar a minha estratégia: usei a parede do fundo da sala e, apesar de ser um espaço menor do que o quadro, consegui organizar o cenário.

Nesse dia, contei com a ajuda de uma professora, que fez o registro das imagens, além de ficar com as crianças em outro espaço da escola para que eu pudesse organizar o local. Coloquei as carteiras na lateral da sala para que as crianças se sentassem em círculo, já que eu tinha a intenção de andar pela sala no momento da encenação.

Também nessa ocasião, coloquei uma tiara no cabelo com flores para representar o jardim. As crianças entraram e se sentaram em círculo no chão. Percebi que ficavam o tempo todo olhando o cenário, falando das cores das flores, contando as flores na parede.

Após todos se acomodarem, comecei a cantar com eles uma música. “Toc, toc” é uma canção com a seguinte letra: “Acaba de chegar, conte até três para a história começar...” (autor desconhecido). Considero trazer a música para valorizar a contação de histórias, já que as crianças

⁶ EVA em português é a sigla de acetato-vinilo de etileno, que deriva do inglês: Ethylene Vinyl Acetate ou etileno acetato de vinila. Material bastante utilizado para atividades de decoração e cenário de apresentações na escola.

dessa faixa etária gostam de movimentar o corpo com a música e esse parece ser um recurso pedagógico privilegiado. Sinto que inserir a música agrega valor ao momento de contar histórias. Logo após cantar a música, comecei a contar a história, explorando o espaço da sala movimentando os fantoches, pois borboletas voam para vários lugares... Trabalhei com a expressividade do corpo e a entonação da voz.

No decorrer da história, as crianças prestavam atenção em cada detalhe da apresentação e, no final, bateram palmas. Para elas, a contação de histórias foi um espetáculo. Todas as crianças queriam participar da atividade e dizer algo importante sobre a história; nesse momento pedi que cada uma falasse respeitando a sua vez. Comecei perguntando: “O que vocês entenderam sobre a história contada?”. Uma criança levantou a mão e respondeu: “Tia, somos todos iguais, mesmo que o nosso cabelo e nossa pele sejam diferentes”.

A resposta da criança fez muito sentido para mim, porque o livro aborda o preconceito sobre as diferenças de forma lúdica. Como já disse anteriormente, a utilização da contação de histórias como recurso didático é pouco valorizado nessa etapa da educação básica (1º ao 5º ano do Ensino Fundamental). Tenho percebido que a grande maioria dos professores optam por contar a história utilizando somente a leitura do livro.

A duração dessa ação foi de cerca de 50 minutos, incluindo a fala das crianças após o término da exploração da história. Percebi a imediata participação dos estudantes e como eles conseguem interagir com esse momento de ludicidade, justificando a minha opção de utilizar a contação de histórias de uma forma diferenciada em sala de aula. Percebi que o emprego de aspectos artísticos favoreceu minha aproximação do grupo.

No dia posterior, para concluir o trabalho, entreguei uma folha com o desenho de uma borboleta para que os estudantes colorissem, escolhendo a personagem, Romeu ou Julieta, e escrevessem uma frase sobre a história para que fizéssemos uma exposição do trabalho na sala de aula. A opção de entregar o desenho pronto foi devido à questão do tempo das aulas, mas mesmo com o desenho pronto as crianças ficaram à vontade para colorir e personalizar sua borboleta. Compreendo, hoje, que a prática de entregar um desenho pronto para criança deixa de oportunizar o processo de criação, entretanto na minha rotina pedagógica essa forma de atividade é considerada quase como um piloto automático, trabalhar com desenhos prontos tem um objetivo proposto a ser alcançado com aquela atividade. Acredito que desenhar e colorir propiciam o contato com a arte e

seus significados, além de ser uma forma de expressividade da criança, instigando sua criatividade e imaginação.

Figura 1: Cenário da história: Romeu e Julieta.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 2: Momento de contar a história.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 3: O encontro das borboletas Romeu e Julieta.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 4: O amigo ventinho.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Na segunda aula prática, trabalhei o livro de história, também da autora Ruth Rocha, chamado “Reizinho Mandão”. A obra trata do tema democracia e liberdade como bens difíceis de serem conquistados, pois sempre haverá reis ou governantes autoritários que vão ignorar a necessidade de um povo. Será que democracia é assunto para crianças? Inquietou-me muito esse assunto, porque os alunos dessa faixa etária vivem muitos conflitos de pensamentos e valores, por isso vejo a importância de abordar temas que proporcionem reflexões e diálogos sobre situações ocorridas em sala de aula. Ressalto que a escola também é um espaço social e político, onde se deve debater e dialogar sobre temas que vão contribuir para a formação de uma cidadania plena.

Para contar a história, fiz um reizinho de EVA em forma de avental, pois o Reizinho Mandão é a personagem principal. Anteriormente à contação da história, levei uma imagem de uma criança com o semblante de surpresa e a imagem de uma coroa; coloquei ambas fixadas no quadro e lancei as seguintes perguntas: “O que vocês estão vendo? O que será que vai acontecer amanhã? Será uma nova história?”. Então, uma menina respondeu: “É a história de uma princesa e um príncipe, e o menino da imagem está surpreso com a história do castelo...”.

Quando apresentei a coroa, a maioria das crianças, nas suas respostas, falaram de uma história de contos de fadas. Observei como é presente a história da princesa e do príncipe, relacionada ao castelo no imaginário da criança devido à figura da coroa.

Assim como já afirmei sobre a contação de histórias, os contos de fadas são histórias pouco utilizadas no Ensino Fundamental, mas presentes no cotidiano do trabalho da Educação Infantil com a proposta de estimular a fantasia e a imaginação. No dia programado para contar a história, havia escolhido o quiosque, por ser um ambiente externo da escola, para desenvolver a prática, mas não foi possível ocupar este espaço externo da escola. Desta forma, resolvi desenvolver a prática dentro da própria sala de aula e nesse momento percebi a importância desse espaço para as crianças: é neste local que elas também vivem e experienciam seus momentos de aprendizagens.

Os estudantes permaneceram sentados em seus lugares enquanto eu organizava o cenário. Eles ficaram curiosos ao verem, em cima da mesa, uma vasilha de plástico e uma colher grande. Para colocar o avental, que estava dentro de uma sacola, eu disse que iria sair só um minuto da sala. Primeiramente, abri a porta bem devagar, entrei com passos lentos e comecei a contar a história; observei, nesse momento, muitas risadas por parte das crianças. A expressividade do meu corpo contribuiu para representar uma criança mimada, fazendo birras, cheia de querer, como era

o personagem, como era o personagem, como era o personagem o Reizinho Mandão. Outro aspecto que me pareceu significativo foi a minha escolha de criar o cenário da cozinha, apesar de não fazer parte da narrativa da história. Considerei que os alunos gostam de culinária e do momento de fazer bolo ou outra guloseima e, como o reizinho queria mandar em tudo, resolvi criar a cena onde represento a personagem sendo autoritária com as cozinheiras do castelo. Ao assumir o seu reinado queria determinar ordens para o povo do seu reino, não respeitando a vida de cada um.

Na cena da cozinha, utilizei os utensílios para fazer um bolo imaginário, do jeito que o reizinho queria, não da forma que as cozinheiras sabiam fazer. Ficou claro o quanto ele era mandão e, em consequência de tal comportamento, começou a ficar sozinho. Ninguém queria ficar perto dele e de suas atitudes egoístas.

Como as crianças já estavam curiosas e agitadas e queriam tocar no avental que simbolizava o reizinho mandão, eu não consegui tirar as fotos, mas elas mesmas tiraram uma *selfie* e pediram para serem o Reizinho. Então, tive a ideia de colocar o avental em cada uma delas e, ao usarem o avental, criaram um slogan: “Sou o reizinho mandão!”.

No momento em que os alunos estavam com o avental, aproveitei para tirar fotos. Na cozinha imaginária, uma das crianças foi o filho do padeiro e representou o momento de fazer um bolo, falando sobre os ingredientes e fazendo gestos, como colocar farinha, ovos, leite, açúcar, fermento, chocolate. O menino ficou muito à vontade sendo um mestre cuca do castelo, como ele mesmo se apresentou para os colegas, e relatou que ele “Não era mandão, apenas estava ajudando as cozinheiras”. Compreendo essa fala do garoto como parte do seu imaginário.

A prática dessa aula foi diferente do planejamento que eu havia feito, uma vez que as crianças participaram ativamente da história não somente como ouvintes, mas interagindo totalmente naquele espaço. Logo após a participação delas, pedi que retornassem aos seus lugares para conversarmos um pouco sobre a história que contei. Iniciei com o questionamento: “Vocês acham que o Reizinho foi correto nas suas atitudes?”. A maioria das crianças disse que não; uma criança levantou a mão e afirmou que ele era egoísta, que só pensava nele mesmo e que devemos pensar em todos.

Portanto, essa história mostra a importância do respeito aos direitos de cada um, que não devemos ser egoístas, pensando somente em nós respeito aos direitos de cada um, que não devemos ser egoístas, pensando somente em nós mesmos e querendo que tudo aconteça em torno do nosso

Interesse. Principalmente nessa faixa etária, em que as crianças estão em processo de formação nos aspectos emocionais e sociais.

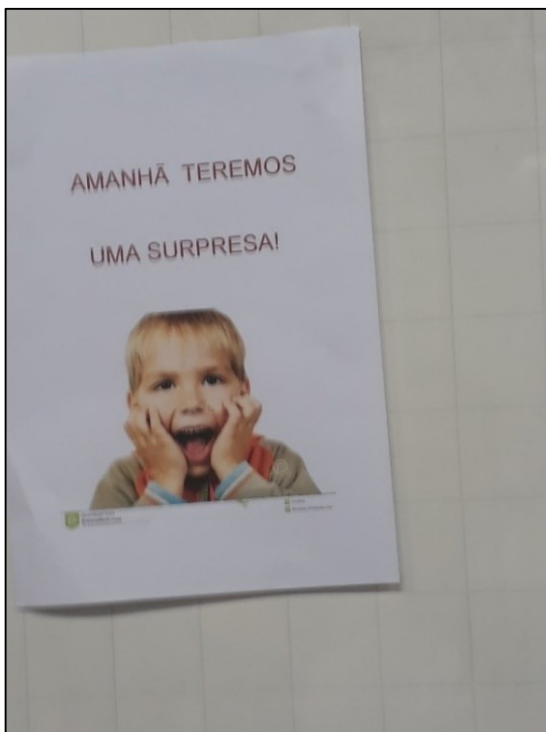
Para concluir a atividade, usei como recurso o desenho e cada criança podia desenhar a cena de que mais gostou da história. O desenhar e o colorir propiciam a representação gráfica de suas experiências, ou seja, possibilitam construir a representação de forma e espaço através do desenho. O desenho está intimamente ligado com o desenvolvimento da escrita. Segundo Vygotsky (2018, p. 21-22), “A imaginação não é um divertimento ocioso da mente, uma atividade suspensa no ar, mas uma função vital necessária”. Sabemos o quanto as crianças utilizam a sua imaginação ao desenhar.

Desenhar é um ato inteligente de representação que coloca forma e sentido ao pensamento e ao conteúdo que foi assimilado. O desenho é uma ferramenta essencial ao processo de desenvolvimento da criança e não deve ser entendido como uma atividade complementar ou de divertimento, mas como uma atividade funcional. A criança enquanto desenha se apropria de novos conhecimentos e saberes sociais, históricos e culturais. Para ela, o processo de desenhar é como o ato de brincar.

O desenho tem um enfoque ligado a interação histórica, social e cultural. Ao falar de desenho, direciona-se diretamente nessa abordagem como afirma Iavelberg (2008) sobre a teoria de Vygotsky:

As ideias de Vygotsky colaboram com a compreensão das relações entre desenvolvimento e aprendizagem nos contatos interativos entre pares de níveis diferentes e objetos socioculturais⁶. Hoje é possível entender que o desenho faz parte das aprendizagens tanto sociais quanto culturais, mediadas por informantes ou fontes de informação. (IAVELBERG, 2008, p. 23)

Figura 5: Momento de instigar as crianças.



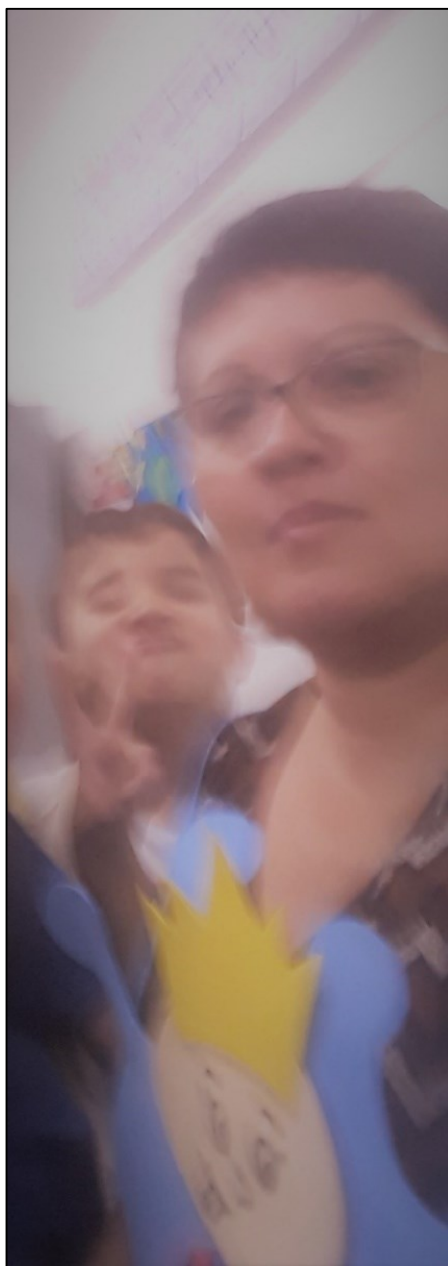
Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 6: O que significa essa imagem?



Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 7: *Selfie* com as crianças após a contação de histórias: “Reizinho Mandão”.



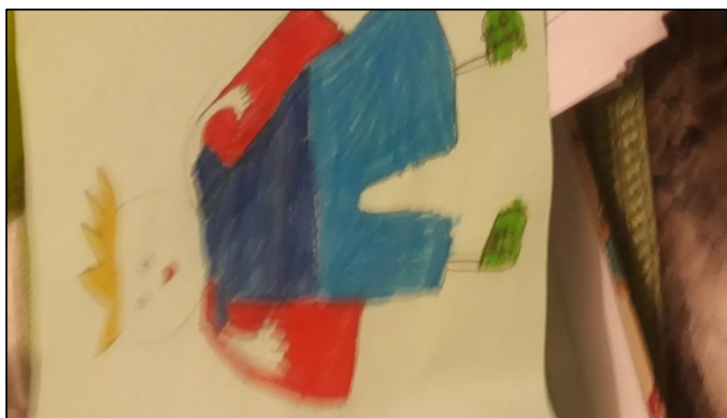
Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 8: O momento de viver o personagem.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Figura 9: Desenho da parte de que a criança mais gostou da história.



Fonte: as próprias autoras (2019).

Nas ações desenvolvidas, eu me preocupei em trazer recursos cênicos como elementos de apreciação estética e com um conjunto de significados. Fiquei atenta no decorrer das aulas

ministradas à intenção, ao ritmo e à técnica, pois esses elementos são relevantes para aprender e compreender sobre a arte de narrar histórias.

É pertinente relatar sobre o processo da afetividade no ato de contar histórias como elemento enriquecedor da minha prática: ao analisar esse processo de afetividade, percebi o quanto as crianças gostam de interagir com as histórias por meio do afeto, do saber ouvir, pois são sensações de prazer que as histórias lhes causam. E esses são momentos que favorecem a interação do grupo, enquanto crianças em formação, em desenvolvimento dos aspectos cognitivos e emocionais, melhorando as relações entre elas e criando um ambiente de cumplicidade e respeito, uma vez que as histórias despertam emoções.

Como professora de educação básica, com formação em Pedagogia, tive a oportunidade de aliar as interfaces da arte juntamente com a minha práxis pedagógica. Refleti também sobre a importância de cada história trabalhada e o seu resultado perante as crianças. Utilizei, para finalizar os trabalhos, o desenho livre, arte presente na rotina pedagógica do nosso cotidiano escolar, pelo valor que traz a sua representatividade e significado para as crianças.

Portanto, na escola que atuo como professora a arte tem uma relação com pouco significado dentro do espaço escolar: as aulas são voltadas na sua maioria para as artes visuais, explora-se muito o desenho, existe pouca ligação com as demais linguagens artísticas no momento das aulas práticas. Destaco, ainda, como foi difícil fazer os registros com fotos, por falta de pessoal para auxiliar naquele momento em que nós, professores, vamos desenvolver uma atividade que foge à rotina da sala de aula.

Para elucidar a prática da narrativa, dialogo com Noelly Novaes Coelho, estudiosa da literatura infantil, quem esclarece o significado do narrador. De acordo com Coelho (2000, p. 67) ela, “o narrador é responsável pela enunciação ou pela dinâmica que concretiza a narrativa, isto é, que produz o discurso narrativo”. No decorrer da análise das aulas práticas e dos estudos teóricos realizados, reflito sobre a contribuição que a contação de histórias como uma forma de atravessamento no processo da práxis pedagógica; noto que os elementos artísticos que a permeiam são decisivos para uma aprendizagem significativa, principalmente nas séries iniciais, retomando aquilo que já foi dito anteriormente sobre o sonhar, o imaginar, o teatrar, o cantar como possibilidades reais no contexto escolar.

Nas aulas práticas desenvolvidas com esses alunos, trabalhei elaborando formas de compartilhar a contação a partir do enredo de outros livros como “O macaco Simão” (autora: Malu Gouvêa) e “Bom dia todas as cores” (autora: Ruth Rocha), que não foram detalhados nesse artigo, porque embora os recursos artísticos tenham sido diferenciados em cada proposta realizada, os objetivos alcançados foram bem semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O compartilhamento dessa minha experiência junto às crianças fez florescer em mim o desejo de me aprimorar na prática da contação de histórias e reafirmar a sua contribuição para outros professores que desejam trilhar este caminho. A pesquisa mostrou a importância da linguagem artística na minha práxis pedagógica e o quanto esta linguagem precisa ser mais bem compreendida e difundida no contexto escolar. Algumas dificuldades foram observadas, como o registro das fotos e a montagem cenário, devido à falta de profissionais disponíveis para auxiliar nos momentos de práticas pedagógicas que envolvam um contexto diferenciado do que é usual realizar na sala de aula.

Entretanto, a prática foi rica, importante para minha trajetória profissional, pois graças à oportunidade de estar cursando o mestrado, tive a chance de refletir sobre as minhas inquietações junto à prática de contar histórias. Embora eu já desenvolva este trabalho, era realizado de maneira intuitiva e sem consciência efetiva de seus resultados. Agora pude realizá-lo de forma diferenciada, por ter tido a oportunidade de aprofundar leituras de autores que acreditam na importância da arte e da literatura infantil. Outro fator essencial para meu aprimoramento foi o diálogo com autores das artes cênicas e visuais, fato que enriqueceu o meu olhar sobre as linguagens artísticas. O atravessamento das artes no contexto escolar é compreendido como uma das formas de expressão de vida, é uma oportunidade de conhecimento, criatividade nos processos cognitivos que permeiam o processo da aprendizagem. Oportuniza novas experiências a serem construídas, como o despertar da sensibilização e vai transformando caminhos que podem ser alcançados pela prática artística.

No decorrer da minha práxis, percebi a importância da oralidade dando um significado diferenciado no momento de contar histórias. A linguagem oral é um dos aspectos mais essenciais

de nossas vidas: é por meio dela que socializamos, construímos conhecimentos, organizamos ideias, pensamentos e experiências, ampliamos nossas possibilidades de conhecimento do mundo e das práticas sociais. A oralidade é o principal instrumento de comunicação, é necessário compreender que a fala é básica na vida, de extrema importância para o ser humano

Posso afirmar que, a partir deste trabalho, as crianças tiveram a oportunidade de viver novas possibilidades de conhecimento e aprendizagem, saindo um pouco da rotina do processo lecto-escrito, tão cobrado nessa etapa da educação básica. Considero até mesmo que as aulas proporcionadas às crianças alcançaram o objetivo de desenvolver as habilidades da imaginação, criatividade, oralidade, ludicidade, afetividade e criticidade.

As habilidades desenvolvidas são imprescindíveis para a formação do estudante nessa faixa etária. Vivenciei um momento especial de cumplicidade em que, graças a essa práxis, foi dada a oportunidade às crianças de exercerem um papel de autonomia diante das histórias contadas com a finalidade de mostrar que cada história tem o seu significado, a sua contribuição social e política

Diante dessa minha reflexão, percebo que a contação de histórias não pode ser utilizada em sala de aula como algo vazio de objetivos, pois existe nessa prática diversas oportunidades de construir o conhecimento com o aluno. Possibilita vivenciar novas experiências, ajudando-o a refletir e resolver conflitos internos, com o intuito de se divertir, encantar e, ao mesmo tempo, contribuir para o amadurecimento psicológico no período da infância.

Como docente de educação básica tive a oportunidade de vivenciar e experimentar a arte em mim, como professora que conta histórias e foi muito significativo para a minha práxis, perceber a importância das linguagens artísticas, como potencialidade de novos conhecimentos. Mesmo sabendo das dificuldades que temos em trabalhar com a expressividade do nosso corpo, com a entonação da voz, no momento de contar histórias. Um dos fatores, que percebo da existência dessa dificuldade está relacionada a nossa própria formação acadêmica, já que na maioria dos cursos de pedagogia, não são oferecidas disciplinas que estejam voltadas para o campo das linguagens artísticas.

Portanto, ao desenvolver o trabalho de forma lúdica, compreendi que as crianças interagiram e conviveram com estratégias de aprendizagens diferentes da sua rotina pedagógica em sala de aula. Algo que refletiu positivamente na socialização, na autonomia, na construção das relações

afetivas e contribuiu para a formação de um sujeito participativo no processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gosturas e bobices**. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2009.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; Mahoney, Abigail Alvarenga (orgs). **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flakiman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política, ensaio sobre a literatura e história da cultura**. 6ªed. São Paulo: Braziliense, 1996.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no séc. XXI: Tradição e ciberespaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 8ªed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise do conto de fadas**. Tradução: Arlene Caetano. 35ª ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz e Terra, 2018.

BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. 4ªed. São Paulo: Saraiva, 1990.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DUARTE JÚNIOR, João- Francisco. **O Sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3ª ed. Curitiba: Criar, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. São Paulo: Publisher, 2007.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**, 9ª edição, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1995.

GUIMARÃES, A. Gleuter. **Anjos de açúcar "catando a poesia que entornas no chão** Da escola: A poesia na prática pedagógica do tempo. 2016. 38f. Dissertação (Mestre Profissional em Artes). Faculdade de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado na criança: prática e formação de educadores**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-práticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. (Tradução Maria Lúcia Spedo Hildorf Barbantini e Antonieta Barini; direção da coleção Fanny Abramovich), 5ª ed. São Paulo: Summus, 1985.

MENDES, Daniela Barros. **Memórias afetivas: a constituição do professor na perspectiva de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

MORAN, José Manuel; MASSETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 9ª ed. São Paulo: Papirus, 2011.

MORIN, Edgar. O verdadeiro papel da educação. **Revista Prosa, Verso e Arte**. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoearte.com/o-verdadeiro-papel-da-educacao-edgar-morin/>>. Acesso em: 04 mar. 2020

PIAGET, Jean, **A representação do mundo na criança: com o concurso de onze colaboradores/ Jean Piaget: [tradução Adail Ubirajara Social (colaboração de Maria Stela Gonçalves)]** -Aparecida, SP: Ideias& Letras, 2005.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982 [Psychologie et Pedagogie, 1969].

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, GO: Seduc-GO, 2005. Acesso em: 02 mai. 2019.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3ª ed. rev. e ampl. Belo Horizonte, MG: Aletria, 2012.

SOUZA, de Junqueira Renata. (Org.). **A Arte narrativa na infância: prática para o Teatro de leitura e Contação de Histórias**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. (p. 04 a 15) [Tradução de Ingrid Dormien Koudela, Eduardo de Almeida Amos]. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1996.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa na educação. São Paulo: Cortez, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico para professores. Tradução e revisão técnica Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 112ª ed. Revista atualizada e ampliada. São Paulo: Global, 2003.